

AULA 2 - A IGREJA COMO COMUNIDADE EVANGELIZADORA

E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar que Jesus é o Cristo (Atos 5:42).

Já vimos que numa igreja saudável a evangelização é cultura do Reino de Deus. É tão natural como comer, beber, dormir, respirar. Caso contrário, a doença deve ser diagnosticada e tratada. No diagnóstico da Primeira IPIC, levando em conta as oito marcas de qualidade, a avaliação geral ficou muito abaixo da média. E a evangelização orientada para as necessidades foi o ponto mais fraco. A decisão estratégica da liderança foi usar uma das qualidades com melhor avaliação, no caso os grupos pequenos ou células, para elevar o fator mínimo, a evangelização. Para isto precisamos refletir (Curso), orar e desencadear o processo de revitalização espiritual da igreja, tendo como alvo principal a multiplicação dos grupos pequenos.

EVANGELIZAÇÃO COMUNITÁRIA

Vimos na última lição, citando Christian A. Schwarz, que *a evangelização não é uma ação que começa em um determinado dia para depois de certo tempo ser novamente encerrada. Trata-se de um processo que deve marcar a vida de forma contínua. No entanto, isso não acontece por si, precisa de esforços direcionados.* Esses esforços envolvem não apenas indivíduos, mas toda a igreja, de acordo com o testemunho da igreja primitiva descrito em Atos: *E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar que Jesus é o Cristo (Atos 5.42).* Cada membro é testemunha de Jesus no contexto da sua vida diária, mas o cumprimento da grande comissão (Mateus 28:18-20) consiste em **IR** e pregar; **BATIZAR** os convertidos, integrando-os na comunhão da igreja e **ENSINAR** os novos membros a praticar tudo o que Jesus ensinou.

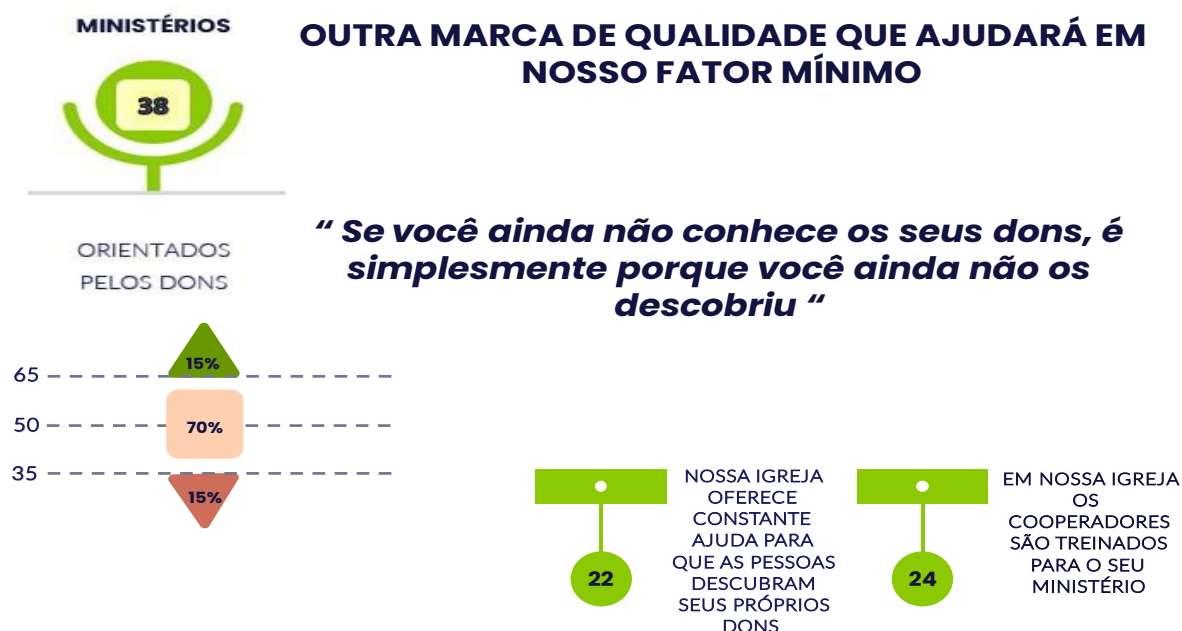
Em Mateus 28:19 só o verbo DISCIPULAR está no imperativo: *discipulai ou fazei discípulos*. Os demais, no original grego, estão no particípio presente. Portanto, a ordem do Mestre, o alvo, é fazer discípulo. **Ir, batizar e ensinar** são estratégias para alcançar o objetivo. Se estas três atividades são praticadas, mas o resultado não são discípulos de Jesus, houve ativismo evangelístico, mas não houve

evangelização. FAZEI DISCÍPULOS *indo, batizando e ensinando*. A figura abaixo ilustra esse processo contínuo de evangelização e discipulado.



Nem todos os crentes têm o dom de evangelista, mas todos, usando os seus dons, contribuem para que a igreja faça discípulos de Jesus. Christian Schwarz relata como uma igreja repensou os cafés da manhã para evangelização que eram realizados numa igreja há bastante tempo. Os próprios participantes perceberam uma série de dons espirituais que podiam e deviam ser usados em encontros deste tipo. Assim, os irmãos com o dom da hospitalidade enfeitaram o salão criando um ambiente agradável e receptivo. Os irmãos com o dom de diaconia e auxílio prepararam as mesas e serviram os convidados. Enfim, outros dons como de aconselhamento, de organização, de oração e, claro, de evangelização, foram mobilizados e exercidos. E cuidaram para que em cada mesa estivesse um irmão com o dom de evangelista. Schwarz conclui: “Ao colocarmos em prática os dons

dados por Deus, estamos automaticamente seguindo o plano que Deus tem para nós, como indivíduos e como igreja”.



EVANGELIZAÇÃO A PARTIR DAS BAES DA IGREJA

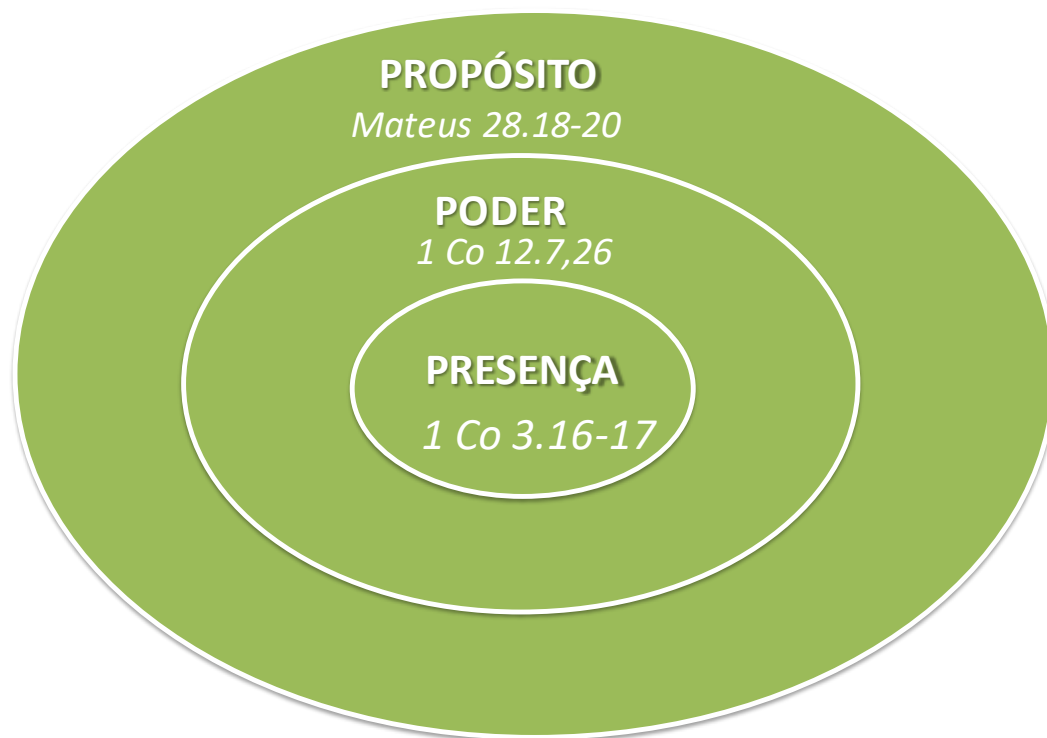
A partir das pesquisas feitas, Schwarz concluiu que a multiplicação constante dos grupos familiares é um princípio universal de crescimento da igreja tanto em qualidade quanto em quantidade¹. E acrescentou: “Se um dos princípios deve ser considerado o mais importante, então é, sem dúvida, a multiplicação dos pequenos grupos”². Destaca ainda que esses grupos são holísticos, isto é, completos em si mesmos, e que neles acontece o que está implícito no conceito de discipulado: transferência de vida em vez de estudo de conceitos abstratos. Os grupos pequenos são comunidades de base numa igreja local que tem as marcas de uma comunidade do reino de Deus. Comunidade é fundamental como suporte para a comunhão, a partir da comunidade original, Pai, Filho e Espírito Santo. Como família de Deus, a célula-mãe se expressa quando dois ou três se reúnem em nome de Jesus. A presença dele é o DNA desta célula com poder implícito para expandir-se pela

¹ Schwarz, Desenvolvimento Natural da Igreja pp 32

² Ibid., loc. Cit.

multiplicação, formando um organismo vivo, no caso uma igreja local. A figura abaixo ilustra um grupo pequeno como célula viva do corpo de Cristo.

Grupo pequeno – Comunidade cristã básica



A presença de Jesus, o poder de Jesus e o propósito de Jesus são as características de um grupo pequeno como célula viva do corpo de Cristo. Por isso, a evangelização e discipulado devem levar pessoas a um relacionamento pessoal com Jesus para que sejam discípulos; devem integrar essas pessoas na comunhão do corpo de Cristo para que cresçam pelo uso diligente dos meios de graça (palavra, oração, sacramentos) e pela edificação mútua exercitando os dons do Espírito; devem, finalmente, formar essas pessoas para que desenvolvam relacionamentos saudáveis com as pessoas no mundo, ganhando-as para Cristo e dando prosseguimento no ciclo do discipulado como vimos em figura anterior. Relacionamentos é a palavra-chave: com Cristo (identidade); no corpo de Cristo (formação); com pessoas o mundo (missão). A figura abaixo ilustra este princípio.



A igreja cristã nasceu no dia de pentecostes, cinquenta dias após a ressurreição de Jesus. No início, os discípulos de Cristo reuniam-se no pátio do templo e de casa em casa para adoração (Atos 2.46), evangelização (Atos 5.42) e ensino (Atos 20.20). A partir do martírio de Estevão, não tiveram mais acesso ao templo e foram dispersos, difundindo o evangelho (Atos 8.1,4). O templo de Jerusalém foi destruído no ano 70 DC, não ficando pedra sobre pedra (Marcos 13.1-2). Até Constantino, no século IV DC, não se menciona a construção de templos cristãos. Trueblood, depois de descrever as condições da igreja nos três primeiros séculos, afirma: “Existiam apenas pequenos grupos de crentes, pequenas comunidades... Tudo o que tinham era a comunhão, nada mais. Não tinham posição, nem prestígio, nem honra... Mas tinham um poder secreto entre eles, e este poder secreto era o resultado do modo pelo qual eram membros uns dos outros”³. A construção das basílicas começou com Constantino, que cooptou a igreja. Os que discordavam da ortodoxia da igreja substituída

³ The yoke of Christ, p.26, tradução livre

eram condenados e entregues ao braço secular para execução da pena. Foi o que aconteceu com Prisdliano e seus amigos por discordarem da decisão do Concílio de Laodiceia (360 DC) que proibiu a celebração da eucaristia nos lares⁴. A partir daí, a vitalidade espiritual da igreja foi mantida por monges, por líderes eclesiásticos que aprenderam os princípios do discipulado radical nos mosteiros, como Atanásio, Agostinho e Jerônimo, e por participantes de grupos minoritários dos quais muitos selaram com o próprio sangue a fidelidade aos princípios de raiz da fé cristã. O princípio bíblico do sacerdócio universal dos crentes, redescoberto pelos reformadores, não foi devidamente praticado por razões pessoais e políticas. Houve forte reação ao formalismo da ortodoxia protestante consolidada nas confissões pelos moravianos, pietistas e metodistas. Estes movimentos resultaram no grande despertar missionário do século XIX que enviou missionários para inúmeros lugares, inclusive o Brasil.

O desafio hoje para as igrejas históricas é a revitalização espiritual, cuja necessidade foi reconhecida pela última assembleia geral da IPIB. A evangelização pressupõe vitalidade espiritual. Pressupõe também estruturas funcionais que facilitem a inclusão de todos os crentes nos ministérios do povo de Deus com o objetivo de cumprir a grande comissão.

Mathias Quintela de Souza

⁴ Branick, A igreja Doméstica nos escritos de Paulo, p.134